

António Quadros Obra, Pensamento, Contextos

Título António Quadros
Obra, Pensamento, Contextos
Autores Manuel Cândido Pimentel, Sofia Alexandra Carvalho
Coleção Colóquios

© Universidade Católica Editora

Revisão Editorial Helena Romão
Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS

Paginação acentográfico
Impressão e Acabamento Europress, Lda
Tiragem 300 exemplares
Depósito Legal 405308/16
Data fevereiro 2016

ISBN 9789725404775

Universidade Católica Editora
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

coordenação
Manuel Cândido Pimentel
Sofia Alexandra Carvalho

ANTÓNIO QUADROS
António Quadros : obra, pensamento, contextos / coord. [de] Manuel Cândido
Pimentel, Sofia Alexandra Carvalho. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2016. –
344 ; 23 cm. – (Colóquios). – ISBN 9789725404775
I – PIMENTEL, Manuel Cândido, coord. II – CARVALHO, Sofia Alexandra, coord.
CDU 1 Quadros, A.
821.134.3 Quadros, A.
929 Quadros, A.



Índice

Prefácio

Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho

9

PRIMEIRA PARTE

A AVENTURA DO PENSAR

António Quadros, Filósofo do Movimento

Joaquim Domingues

17

A Filosofia do Movimento em António Quadros

Prolegómenos especulativos à operacionalização da Saudade do Futuro

25

Mário Sérgio Ribeiro

O Lugar do Intemporal

A propósito de António Quadros, pensador do mito da História

33

Carlos H. do C. Silva

História, Hermenêutica Esotérica e Filosofia em Portugal,

Razão e Mistério

43

João Ferreira

Ser e Estar, Ter e Haver, Fazer Espírito, Língua e Cultura

no Pensamento de António Quadros

50

Jorge Croce Rivera

António Quadros

Cultura e Desocultação

61

José Antunes de Sousa

António Quadros

As diferenças culturais como problema filosófico

66

Rui Lopo

A Distinção entre o Tempo Mítico Grego (Angústia da Tragédia) e o Tempo Histórico Judaico-cristão (Esperança Bíblica)

no Pensamento Escatológico de António Quadros

73

Samuel Dimas

Saudade e Futuro em António Quadros	80
<i>Pedro Vistas</i>	
A Intuição e o Conceito do Divino em António Quadros	88
<i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	
A Teologia do Espírito Santo em António Quadros	96
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
SEGUNDA PARTE	
ENTRE TRADIÇÃO E INVENÇÃO	
A Estética Existencial de António Quadros	105
<i>António Braz Teixeira</i>	
A Dimensão Estética no Pensamento de António Quadros	114
<i>José Carlos Pereira</i>	
Filosofia da Paisagem na Obra de António Quadros	
No Primeiro Barroco Atlântico (apontamento)	
<i>Rodrigo Sobral Cunha</i>	120
António Quadros e a Crítica ao Existencialismo	125
<i>Marta Mendonça</i>	
António Quadros e a Filosofia Portuguesa	135
<i>J. Pinharanda Gomes</i>	
António Quadros e o «57 – Movimento de Cultura Portuguesa»	147
<i>Manuel Gama</i>	
A Exegese do Sebastianismo em António Quadros	157
<i>Miguel Real</i>	
O Carácter Paracético e Apocalíptico da Ilha Brasil no Contexto do Mito Sebastianista	163
<i>Loryel Rocha</i>	
António Quadros como precursor dos estudos do sebastianismo na literatura brasileira	174
<i>Lúcia Helena Alves de Sá</i>	

A Leitura do Modernismo em António Quadros	182
<i>Nuno Júdice</i>	
A Poética de António Quadros	187
<i>António Cândido Franco</i>	
António Quadros	
Da literatura alheia à literatura própria	192
<i>João Bigotte Chorão</i>	
António Quadros e a Ficção Nacional Saudades do Futuro...	197
<i>Annabela Rita</i>	
António Quadros, Tradutor	
Relatório preliminar e algumas perguntas	208
<i>Teresa Seruya</i>	
TERCEIRA PARTE	
SITUAÇÃO, PÁTRIA E TESTEMUNHO	
Linhas de Força de uma Antropagogia Situada na Obra de António Quadros	223
<i>Manuel Ferreira Patrício</i>	
António Quadros – Intérprete do Portugal Moderno	230
<i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	
António Quadros e a Universidade em Crise	
Uma questão cultural	233
<i>Luisa Leal de Faria</i>	
António Quadros Leitor e Intérprete de Albert Camus	246
<i>Maria de Lourdes Sirgado Ganco</i>	
“Razão e Mistério”	
Uma leitura comparada entre António Quadros e Sampaio (Bruno)	253
<i>Afonso Rocha</i>	
«A Procura da Verdade Oculta»	
António Quadros e o Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa	263
<i>José Almeida</i>	

António Quadros Leitor Integral De Fernando Pessoa

Raquel Nobre Guerra

271

Prefácio***Mito, Utopia e Ucrónia****Leituras de António Quadros e Eudoro de Sousa**

Sofia A. Carvalho

280

I.

«O escritor é, porventura, o elemento basilar de um complexo cultural. Levando o pensamento até ao seu limite necessário, diremos mesmo que o escritor é o elemento basilar de um complexo nacional.»¹. Assim se pronunciava António Quadros, na obra *A Existência Literária*, sobre a situação cultural e a verdade do escritor na sociedade e, em particular, na sociedade portuguesa, acrescentando ser ele o «elemento social, que, pela sua acção, mais contribui para o progresso espiritual e até material da pátria portuguesa e da humanidade»².

Concordando estritamente com o seu próprio ponto de vista filosófico da nuclearidade da antropologia no contexto dos saberes ou mesmo da sua prevalência nos domínios da sabedoria filosófica, um traço que tem em comum com o seu Mestre Álvaro Ribeiro, António Quadros viu no escritor aquele que «estuda o homem sob todos os seus ângulos», sendo ele o filósofo, o poeta, o dramaturgo, o novelista, o sociólogo, o historiador, o orador e o teólogo ou apologista.

Se o primeiro, o filósofo, tem por missão observar e exprimir «as relações do espírito com a alma e o corpo, que perscruta as fronteiras da antropologia, da cosmologia e do transcendente, que explora os fins da Humanidade, o sinal do seu destino neste mundo de geração e corrupção»³, o último, o teólogo ou apologista, tem por missão dar «notícias aos homens de um Deus interiorizado ou revelado»⁴.

Como poeta, o escritor «traduz a dor, a angústia e a saudade»; dramaturgo, «reproduz, artisticamente, os conflitos sociais», revelando-nos o agenciamento do mal entre os seres humanos; novelista, «alinha a sucessão dos eventos vitais de um homem ou de uma família, que transmite um movimento humano e espiritual no tempo e no espaço»⁵.

E enquanto sociólogo, historiador e orador? Se aquele, o sociólogo, «analisa as virtudes e as carências das sociedades e as suas relações entre si», se o historiador

António Quadros, a Filosofia Portuguesa e a Tradição Joaquimita**Em diálogo com Agostinho da Silva e José Marinho**

Renato Epifâniao

292

António Quadros e a Paideia Lusa

Abel de Lacerda Botelho

300

A visão do Brasil em António Quadros

Constança Marcondes Cesar

311

António Quadros e o Brasil

Anna Maria Moog Rodrigues

317

António Quadros**Um testemunho**

José António Barreiros

325

António Quadros, Homem Vertical

Gilberto de Mello Kujawski

330

Apresentação do Colóquio no Brasil

António Quadros Ferro

333

* As partes 1 e 2 do presente prefácio foram redigidas por Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho, respetivamente.

¹ António Quadros, *A Existência Literária*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1959, p. 209.

² *Ibidem*, *ibidem*.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*, p. 210.

⁵ *Ibidem*, pp. 209 e 210.

ao que nesse livro nos é dito; e deve dizer-se que, tendo Quadros tido acesso às cartas de amor a Ofélia, o que ele cita dessa correspondência é, no fundo, o essencial e o que não é ridículo, bem tendo nós podido prescindir da revelação de um acréscimo que nada acrescenta, em meu entender, à valorização quer do poeta quer da obra, para além do drama humano dessa relação.

Poderemos discordar de um sentido messiânico, de uma visão que busca com demasiado otimismo uma coerência global num poeta que muitas vezes entrou em contradição consigo próprio e que, quando chegava a um fim, logo o contradizia pela boca de um heterônimo que funcionava como aquilo a que é moda, hoje, chamar-se o «contraditório». Mas muitas conclusões, muitas intuições, e sobretudo o conhecimento profundo e a percepção do papel do pensador na personalidade pessoana, constituíram um contributo ainda hoje necessário para o conhecimento desse que foi um dos mais ricos períodos da nossa cultura e dos seus protagonistas.

A Poética de António Quadros*

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

A minha janela da cozinha abre para sudeste, donde chega o vento quente de verão e se levantam os dois luminares do céu limpo. Nas noites frias de janeiro, quando as nuvens debandam ou se desfazem, põem-se a brilhar as grandes e diamantinas estrelas austrais. Eu chego lume ao pavio dum aveludado vela e leio ao acaso uma página dum livro esquecido. Foi por certo aí que li esta frase de Afonso Cautela: *A convite de António Quadros e um pouco por culpa da solidão intelectual em que vivia no Alentejo (com desconhecimento das políticas e dos maquiavelismos lisboetas) caiu [Afonso Cautela] na armadilha de colaborar no jornal 57, deslize que lhe valeria o epíteto de "fascista" vindo dos amigos de esquerda, enquanto a publicação dos cadernos lhe valia o epíteto de comunista, por parte dos que não só lhes apreendiam a publicação como lhe moviam outros tipos de perseguição, não muito impiedosa mas chata, para quem gostava tão pouco de políticos e de política como ele.*

A frase tem o seu quê de surpresa para quem só conheceu António Quadros na década de 80 do século XX e viu nele um homem cheio de entusiasmo pela tradição portuguesa mas aberto, liberal, pronto a recolher os mais variados contributos e incapaz dum aveludado vela má. De resto essa imagem dum cosmopolita, apto a interessar-se por tudo o que fizesse parte da nata universal, está logo patente em alguns dos seus primeiros estudos, depois recolhidos em *Modernos de Ontem e de Hoje*. A frase de Afonso Cautela não está publicada em livro e corre apenas naquelas folhas datilografadas em que este homem é pródigo. Só ela merecia um excuso cuidado e demorado, em que por agora não me posso empenhar. Na verdade estou aqui para falar da poética de António Quadros e não para destriñçar a situação cultural e política dum aveludado vela revista marcante, o 57, na segunda metade do século XX português.

É pois a poética de António Quadros que aqui me traz. E a poética dum escritor, digo comigo, nunca é aquilo que se pensa. Também a de António Quadros não é o que de imediato se pode esperar. Poesia e verso nem sempre coincidem naquele ponto onde se apura uma teoria da criação. Enganar-se-ia quem fosse procurar aos versos dum poeta tão prodigioso como Teixeira de Pascoaes a sua poética. Se assim fizesse, colheria só uma pequena parte do exercício criativo deste poeta. É afinal na sua prosa, em especial na prosa narrativa de livros como *Duplo Passeio* (1942), que se encontra a parcela mais grada e representativa da sua imaginação. Do mesmo modo em António Quadros a letra mais propícia para avançar por dentro da sua poética não me parece que seja a dos versos, por

* O autor do presente texto autoriza a sua publicação segundo as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, concordando com a política editorial da UCE, embora discorde da sua aplicação.